

ISSN: 1984 - 6126  
N. 65/2016

## Conheça a Alstroemeria de Corte

**Leonita Beatriz Girardi<sup>1</sup>, Marcia Xavier Peiter<sup>2</sup>, Jéssica Pirolli<sup>3</sup>, Bruna Pimenta<sup>3</sup>, Jardel Henrique Kirchner<sup>3</sup>, Silvana Antunes Rodrigues<sup>3</sup>**

A Alstroemeria é uma espécie pertencente à família Alstroemeriaceae, originária da América do Sul, com nome popular de lírio-peruviano ou mesmo astromélia. A *Alstroemeria x hybrida* é o nome científico, esse híbrido é o que atualmente está sendo comercializado no Brasil como flor de corte. Outras espécies rústicas de alstroemeria são encontradas com frequência no Brasil e nos jardins do Rio Grande do Sul. É uma flor de corte considerada de luxo e muito apreciada, pela grande variedade de cores, sendo usada para complemento em arranjos e buquês, com longa vida de vaso. A flor possui três pétalas externas e três internas; as internas apresentam pintas ou traços que se destacam das externas, conforme se observa na Figura 1. A *Alstroemeria x hybrida* é uma planta ereta, perene e com grande volume, possui hastes vegetativas e hastes floríferas. As hastes floríferas desde que apontam no solo já são possíveis de identificar por serem mais grossas e vistosas. Na região central do estado, esta espécie vem sendo cultivada com sucesso, sendo que o cultivo está sendo conduzido em ambiente protegido.

Figura 01 – Vista da flor da alstroemeria (A), mudas de alstroemeria nos canteiros (B).



Fonte: Autores.

<sup>1</sup> Engenheira Agrônoma, Doutora em Engenharia Agrícola - UFSM, RS. e-mail: lbgirardi@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Engenharia Rural.

<sup>3</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Agrícola - UFSM.

A floricultura tem ganhado destaque no cenário nacional do agronegócio. O mercado de flores e plantas ornamentais é um mercado em expansão, que, na maioria dos casos, absorve toda a produção local e importa significativa parcela da produção de outros centros produtivos. A comercialização de flores tem exigido que mais espécies, em grande quantidade, sejam produzidas para manter o crescente consumo; dentre essas espécies estão as flores de corte, que em termos de faturamento, representam 40% da movimentação da cadeia produtiva (JUNQUEIRA; PEETZ 2014).

No Brasil, a produção está concentrada na região de São Paulo. O Rio Grande do Sul possui produção nas regiões de Pelotas, Erechim e início de produção em Santa Maria, porém a produção é pequena e as vendas são apenas para o comércio local, não sendo suficiente para atender outros municípios. Desta forma, as floriculturas da região central do estado, compreendendo Santa Maria/RS, abastecem-se com produção de São Paulo.

Os primeiros que desenvolveram um programa de melhoramento genético da alstroemeria foram os Holandeses, seguidos pelos Japoneses, e são essas as origens das variedades comercialmente disponíveis no mercado (OLDONI, 2012). Para obtenção de mudas, o contato é com as empresas importadoras que estão situadas no estado de São Paulo, mais precisamente em Holambra. As mudas são obtidas das empresas importadoras e anualmente é pago para a referida empresa royalties, sendo o valor pago por muda.

A *Alstroemeria x hybrida* é muito apreciada e possui ampla utilização no comércio de flores de corte. No mercado das ornamentais, é considerada uma espécie de luxo. Todo o ano as empresas que produzem e comercializam lançam variedades novas, de acordo com as tendências do mercado consumidor (OLDONI, 2012).

Segundo Schwab (2013), o mercado consumidor de flores é exigente no que diz respeito às tendências, fazendo com que sejam lançados constantemente novos cultivares no mercado, pois, no ramo da floricultura, pode-se falar em moda, e atualmente a moda está voltada para a Alstroemeria. Isso traz a necessidade da realização de pesquisas para determinar o comportamento desses novos produtos, de modo a recomendar adequadamente o manejo dos mesmos.

A alstroemeria é uma planta de fácil cultivo, não exigindo muitos cuidados; sua raiz é fibrotuberosa, com facilidade de pegamento e não sendo muito exigente em irrigação e fertilização.

No que se refere à fertilização, pode-se usar NPK 18-6-18 semanalmente. O substrato utilizado para produção de alstroemeria deverá conter matéria orgânica e ser bem aerado. Um material com boa drenagem é necessário para evitar o excesso de umidade em torno das raízes e consequente aparecimento de podridões; pela estrutura do sistema radicular da alstroemeria, a qual apresenta grande quantidade de água, a preocupação com boa porosidade do substrato é ainda maior. Deverá ter densidade suficiente para que as mudas possam ter boa fixação, pois a *Alstroemeria x hybrida* pode chegar a dois metros de altura.

A espécie possui uma particularidade que está relacionada com a temperatura do solo. Por este motivo, a disponibilidade das flores é mais intensa a partir do final do mês de julho, estendendo-se até dezembro. Este evento diz respeito à particularidade da *Alstroemeria x hybrida* na produção, referente à temperatura do solo ou do substrato em que está sendo cultivada. A maior parte do desenvolvimento da alstroemeria se dá no subsolo, por isso a temperatura desempenha papel fundamental no crescimento do rizoma e na emissão de novos brotos (OLDONI, 2012).

De maneira geral, pode-se dizer que as temperaturas do solo acima de 20°C propiciam o aparecimento de hastes que não produzem flores ou brotos cegos, e poucas hastes reprodutivas ou com flores, sendo desta forma a temperatura do solo/substrato a principal exigência da espécie.

Devido às exigências climáticas da cultura da *Alstroemeria x hybrida*, sua produção se dá em ambiente protegido e em regiões de climas amenos. Desta forma, obtém-se alto rendimento e qualidade do produto, e os produtores utilizam sistemas de refrigeração do solo, principalmente nos meses de verão em que as temperaturas são elevadas. Podem-se usar sistemas de refrigeração simples, como os usados por uma produtora de alstroemeria em Pelotas, onde é usado um reservatório para a água ficar gelada (tanque de resfriamento de leite); com um motor, essa água é enviada através de canos para baixo dos canteiros. Em Santa Maria, no Colégio Politécnico, são produzidas alstroemerias sem refrigeração do solo; o que se observa é que nos meses de verão ocorre diminuição da produção. O tempo do plantio ao início da produção pode variar de dois a quatro meses.

A colheita é realizada por arranquio, ou seja, puxando a haste florífera do solo, a qual facilmente se soltará da planta mãe. O manejo de pós-colheita deverá ser no frio, com temperatura em torno de 8°C.

## Considerações finais

A alstroemeria é uma espécie de fácil cultivo, desde que se obedeça a pequenas particularidades; o custo inicial se torna um pouco elevado e mesmo com o pagamento de royalties anuais pode-se ter alta rentabilidade, com um mercado garantido especialmente para produtores locais, isso por oferecer um produto de melhor qualidade, pois, na maioria das vezes, os maços vindos de outros Estados já chegam às floriculturas com sua qualidade comprometida.

Buscamos com esse informe técnico auxiliar os produtores e interessados na atividade da floricultura a obter no cultivo da alstroemeria um produto rentável, de qualidade, aceito pelo mercado, aumentando e estimulando assim a produção na região, para o que orientamos que sigam as recomendações básicas aqui apresentadas, além de outras complementares. Destacamos que se pode melhorar a renda e a qualidade de vida de pequenos e médios produtores, assim como a agricultura familiar, através da oferta de mais uma atividade, aproveitando áreas não usadas para a atividade agrícola.

## Referência bibliográfica

JUNQUEIRA, A. H.; PEETZ, M. da S. O Setor produtivo de flores e plantas ornamentais do Brasil, no período de 2008 a 2013: atualizações, balanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental**, v. 20, n.2, p. 115-120, 2014.

OLDONI, C. M. Alstroeméria In: PAIVA, P. D. de O. (Coord.). **Produção de flores de corte**. Lavras: UFLA 2012, 678 p.

SCHWAB, N. T. et al. Consumo hídrico de cravina submetida a diferentes estratégias de irrigação e tamanhos de vaso. **Revista Irriga**, Botucatu, v. 18, n. 2, p. 328-336, abril-junho, 2013.